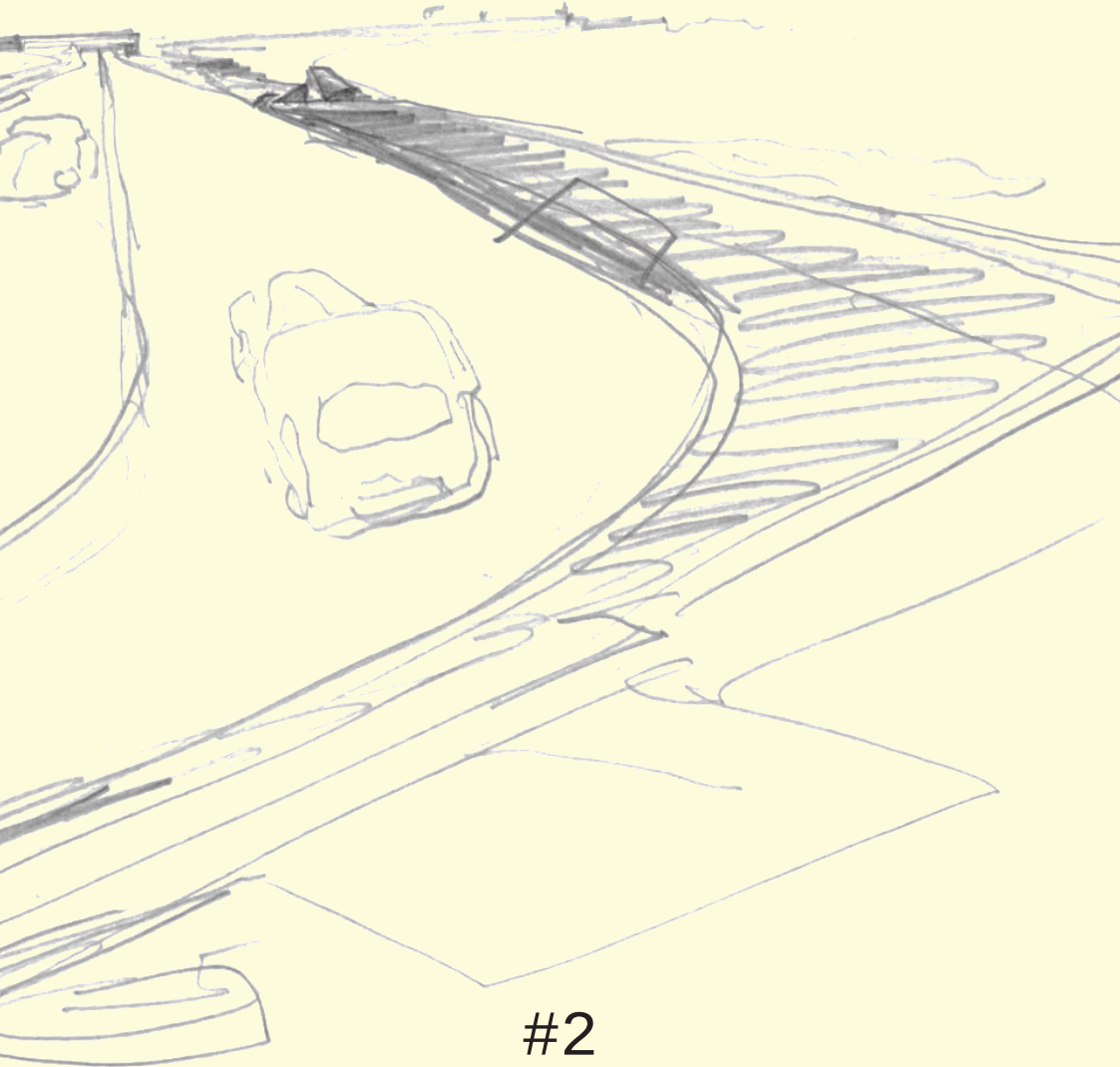
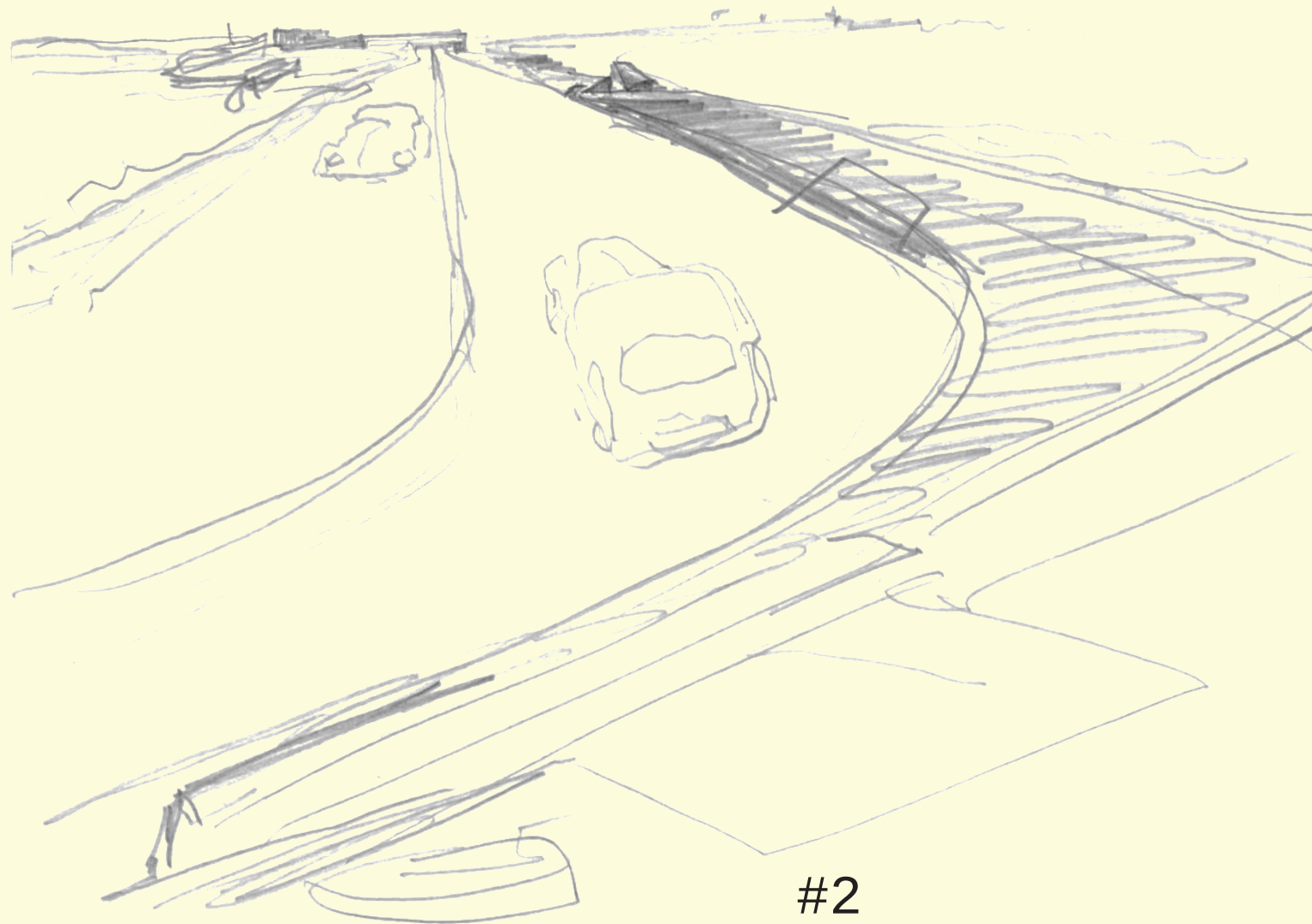


SIZA BARROQUE



#2

SIZA BARROQUE



#2

Viagem de estudo

#2

19 de Maio 2022

cinismo que ele dá em paga.” “Abomino a melancolia... Eu pertencço a este mundo, dei-lhe o que tinha de bom no coração, e quero ter grande partilha no



São Miguel de Seide

- 1 Centro Paroquial e Residencial da Paróquia de São Miguel de Seide SWV200309b
- 2 Recuperação da Casa de Camilo Castelo Branco SWV199805
- 3 Casa da Cultura ou Centro de Estudos Camilianos SWV199805

Guimarães

- 4 Parque de estacionamento subterrâneo da Mumadona SWV200505c

Porto

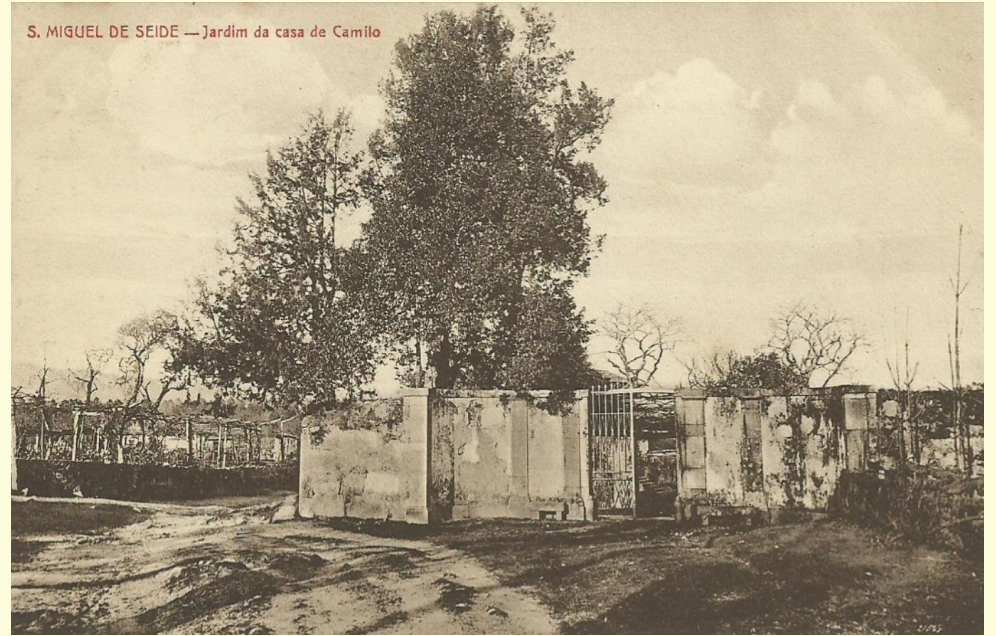


São Miguel de Seide

- 1 Centro Paroquial e Residencial da Paróquia de São Miguel de Seide
SWV200309b
- 2 Recuperação da Casa de Camilo Castelo Branco (projecto não realizado)
SWV199805
- 3 Centro de Estudos Camilianos
SWV199805
- 4 Igreja
- 5 Cemitério



S. MIGUEL DE SEIDE — Acacia do Jorge



S. MIGUEL DE SEIDE — Jardim da casa de Camilo



Um monstro a retalho

Agustina Bessa-Luís, *Camilo Génio e Figura*, 1994

“Quando o coração me falha neste dialecto de escrever livros, volto-me para Camilo, que é sempre rei mesmo em terra de cíclopes. Volto a folhear *O Romance de Camilo*, de Aquilino Ribeiro, obra de muita substância e conhecimento. Ainda não chegou a vez de darmos a Aquilino o que lhe é devido: uma grande admiração. Mas eu detenho-me no segundo volume, onde se lê que, depois de conhecer Ana Plácido, «Camilo morou no abstracto com as raras mulheres que conheceu de alma e corpo». Compara-as Aquilino a relógios de fina maquinaria para os quais Camilo usa da sua arte laboriosa de contar rubis e afinar ponteiros. Isto digo por palavras minhas. Aquilino conclui que as mulheres não gostavam de Camilo. É possível que haja alguma verdade nisso. Mas é preciso cuidar que a maioria dos homens maduros, com compromissos de família e calendário de trabalho, não são propriamente uns *tombeurs de femmes*. Entre contar amores e ganhar dinheiro com esse estranho ofício, não lhe sobrava tempo para mais nada. Também é certo que em casos de tanta vocação os homens arrulham com o tinteiro e dão ao desprezo as mulheres. Não por indiferença e desamor, mas porque ocupar-se com elas desgasta o espírito para a desalmada escrita em que vai de enxurrada o pensamento, o sexo, e tudo. Quando um homem não tem tempo para as mulheres é porque é um génio. Um génio rebenta com todas as combinações que a natureza faz para se entender com a espécie. Camilo era um gazeteiro, no parecer dos comendadores da Ordem de Cristo. Não o convidavam para os seus salões senão na véspera dos bailes, para que ele estampasse no jornal os primeiros dos novos aristocratas e as suas púrpuras, onde se encabritavam leões parecidos com grifos e górgonas.

Ora, Camilo, quando se punha a explicar no *Jornal do Povo* o seu pasmo daquelas grandezas, fazia-o tão bem que a lisonja ficava aquém da paródia. As mulheres não gostavam dele porque temem quem parodia o que há para parodiar, que é quase tudo; e, se não formos cobardolas e chochos, é mesmo tudo.

Quando Camilo descreve a sala de visitas do comendador Sousa Guimarães, chama-lhe «um dourado quisque para sultanas na hora da sesta». E diz ainda, num arroubo de assombro, «que o asseio nas menores coisas do serviço doméstico, como cisternas e capoeiras, é mais uma parte a quinhoar da ideia luminosa, que transluz no todo». Estas «enlaçadas delícias», no meio das quais se encontravam o senhor Sousa Guimarães, sua senhora e seus filhos, não são de modo nenhum uma literatura de lisonja, como Aquilino julga, explicando-a como fatalidade de uma pena obrigada à necessidade de viver. Ora, Camilo não era pobre, custodiado como andava pelos morgados byronianos que iam cuspir nas alcátifas dos novos barões do Bolhão. Do que ele gostava era de usar o talento como uma fantasia, que hoje só se compara às proezas do Rambo, marginal de comandos especiais. As mulheres têm horror a gente assim. A coisa com que mais embirram é ficar despenteadas. Não se importam de ficar desonradas, mas despenteadas é que nunca. E Camilo era um homem desses, um vendaval, um ciclone do alfabeto, uma barafunda de pretextos para arrepiar os cabelos das famílias na sala de baile. A sala de baile onde «a alma sente-se exaltada ao Eterno pelos amplos limites que ele traçou à perfectibilidade».

Não sei como Aquilino se enganou aqui, e só viu em Camilo um adulado, um jornalista pegajoso, com vales metidos à caixa e botas cambadas. Ele era o que todos nós sabemos, um Voltaire à moda do Porto, com mais tripas do que carne do lombo. Eu cá, parece-me bem assim. É um monstro a retalho, o que produz grandes obras.”

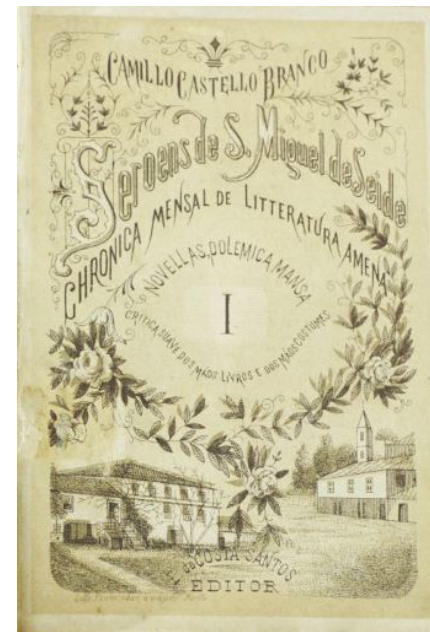
“Assim se consuma a comédia burguesa numa noite de Março 1888 em que a inspiração de um velho amor se deixa perceber. Mas Camilo tinha gasto o seu génio. Restava-lhe o heroísmo banal do suicídio, como ele dizia. Numa tarde de Domingo, dois anos depois, Camilo disparava um tiro na cabeça. A sua cegueira não tinha cura, é certo. Mas o motivo do suicídio estava na natureza emotiva. O suicídio é sempre um acto de agressão contra o mundo ou alguém que o represente. Resulta dum jogo de tendências que são estimuladas ou inibidas. Ana sabia provavelmente que o medo era o que movia Camilo tanto a ser triste como a ser colérico; um medo pueril, uma permanente reacção de defesa. (...)”.

“Ceide, um tiro, a cadeira. Retratos

Numa tarde de Junho, em Ceide, Camilo mata-se. A sala, de paredes baixas, deixa que se vejam lá fora os gementes pinheiros, mas, no Verão, há antes um crepitar de folhas secas, um bafo de calor que se exala das ramadas. Nas paredes há um retrato de Nuno. Sobre o piano, outro retrato, esse de Manuel Plácido, o filho de Ana, que morrera. Havia uma fotografia de George Sand, como hoje pode haver um póster de Guevara ou de Marilyn. (...)”.

“A entrada da casa de Ceide, a acácia de Jorge

Durante uma tempestade, a acácia que Jorge plantara na subida da escada foi uma vez incendiada por um raio. Camilo escreveu um poema em que dizia: «Quando a acácia do Jorge uma vez mais inflore, chamai-me, que eu, de Abril nas auras, voltarei.» (...)”



1 Recuperação da Casa de Camilo Castelo Branco
SWV199805 (projecto não realizado)



A casa antes do incêndio de 1915



Março de 1915 após o incêndio



Depois de 1958



Junho 2022 após o projecto de restauro

“Apesar de não reunir as principais características que definem a residência do brasileiro de torna-viagem, a casa de S. Miguel de Seide foi, na verdade, mandada construir, por volta de 1830, com dinheiros amealhados por Pinheiro Alves no Brasil.

Após a sua morte, para a qual muito contribuiu o desgosto que lhe causara a absolvição de sua esposa, Ana Plácido, e de Camilo Castelo Branco no Tribunal da Relação do Porto, pelo crime de adultério de que os acusara, o romancista ali se instalou, no Inverno de 1863, onde, até ao fatídico dia de 1 de junho de 1890, num processo febril de criação literária e à custa de tragédias próprias e alheias, escreveu grande parte da sua obra, na qual se refletem os traços mais marcantes e genuínos do Portugal oitocentista e da alma portuguesa de todos os tempos.

Depois do incêndio que o devastou em 1915, o imóvel foi reconstruído e transformado, em 1922, em Museu Camiliano. Na reedificação, porém, a casa sairia muito adulterada, pois a instalação da escola primária da freguesia de Seide no rés-do-chão e os requisitos técnicos a que para esse fim teve de obedecer, alteraram-lhe certas características fundamentais.

Seriam as obras realizadas nos anos 50 a restituir-lhe a sua traça original, proporcionando, desde então, aos visitantes, um arranjo dos interiores muito semelhante aos da residência habitada pelo escritor, e recriando com grande fidelidade o ambiente que ali se vivera no séc. XIX.

Considerada a maior memória viva de Camilo, a Casa de Seide ganhou um significado histórico de fundamental importância para o conhecimento profundo da vida e da obra do escritor, constituindo cada visita um convite renovado à leitura de Camilo e uma aposta de esperança na perenidade da Cultura e da Língua portuguesas de que a sua obra constitui afirmação tão singular.”





A sala de estar onde Camilo se suicidou a 1 de Junho de 1890



2 Centro Paroquial e Residencial da Paróquia de São Miguel de Seide
SWV200309b



3 Centro de Estudos Camilianos

SWV199805

Área de construção: 2 315 m²

Área do terreno: 5 531 m²

Colaboradores: Luísa Penha, José Luís Carvalho Gomes

O Centro de Estudos Camilianos integra um complexo que inclui a Casa de Camilo Castelo Branco e a casa do filho Nuno.

Cada um dos edifícios dispõe de um terreno murado de dimensões apreciáveis.

Juntamente com a Igreja de Ceide (recentemente restaurada) e algumas construções privadas arquitectonicamente interessantes, o Complexo Camiliano delimita o Largo do Cruzeiro, espaço arborizado onde foi colocado o busto em bronze de Camilo.

Este belo espaço público tem todas as condições para ser recuperado e optimizado.

A Direcção da Casa de Camilo definiu com precisão o programa necessário à instalação do Centro de Estudos Camilianos; e compreendeu, tanto quanto a Câmara Municipal de Famalicão, a indispensabilidade de um plano global, enquadrando a recuperação e as novas construções previstas (para além do Centro de Estudos Camilianos, está projectado o Centro Paroquial e Social de Ceide).

Sendo contíguas as propriedades da Casa do Nuno e do Centro de Estudos Camilianos, foi decidido manter um só acesso, correspondente à entrada principal da primeira construção. A partir daí e de acordo com o novo traçado do jardim far-se-á o acesso quer à Casa do Nuno (a transformar em casa de hóspedes) quer ao próprio Centro de Estudos.

O percurso definido conduz a um pátio, ladeado por três corpos, ocupados pelo átrio e recepção, pela sala de leitura e pela sala de exposições.

O grande átrio é o espaço de acesso a todas as áreas constituintes do programa, públicas ou de serviços internos, das quais se destaca, para além das já citadas, o auditório, a cafetaria e os espaços administrativos.

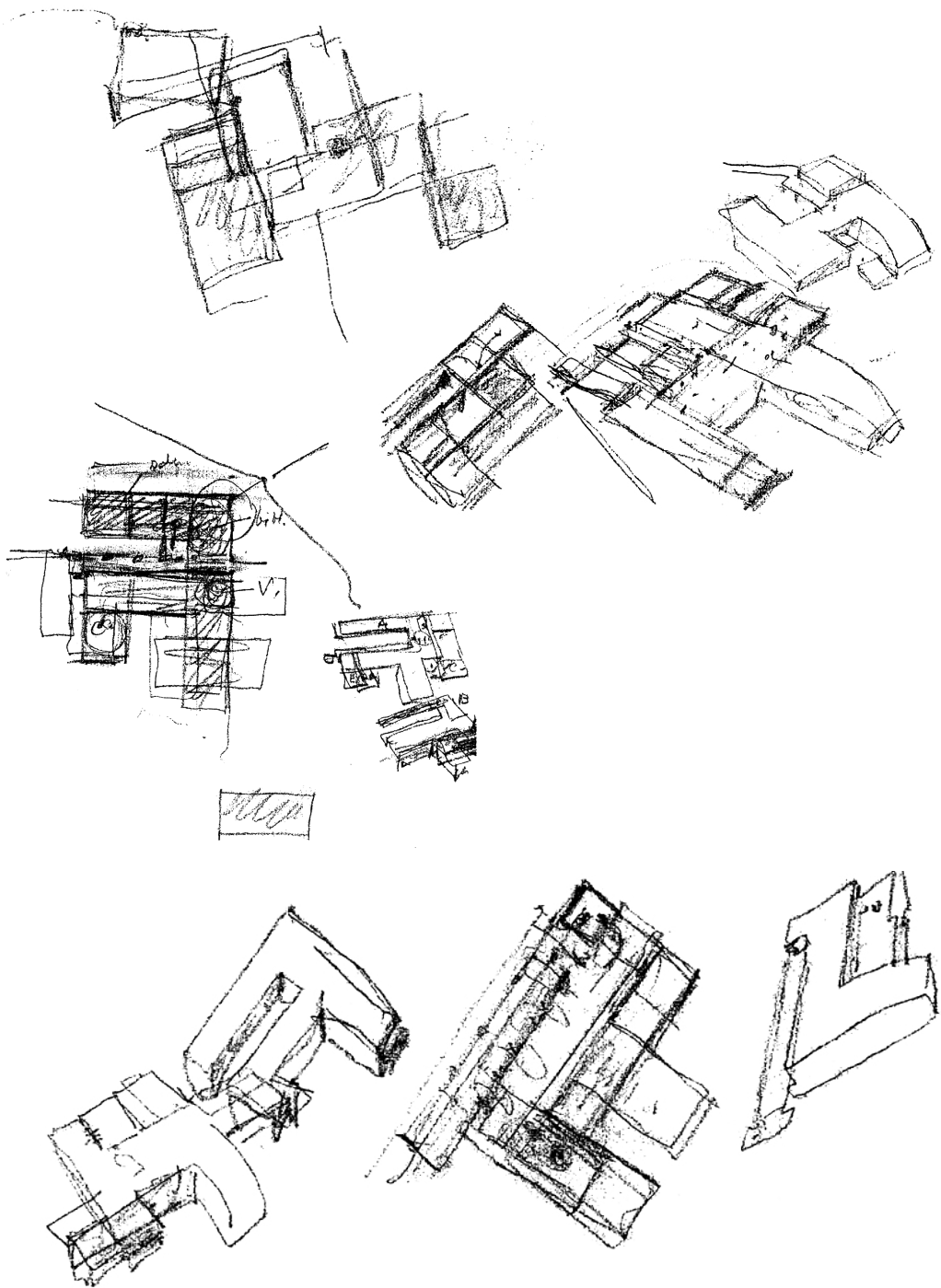
Em piso inferior, com acesso directo a partir do arruamento envolvente da propriedade (possível pela pendente da mesma), situam-se os espaços técnicos e os arquivos.

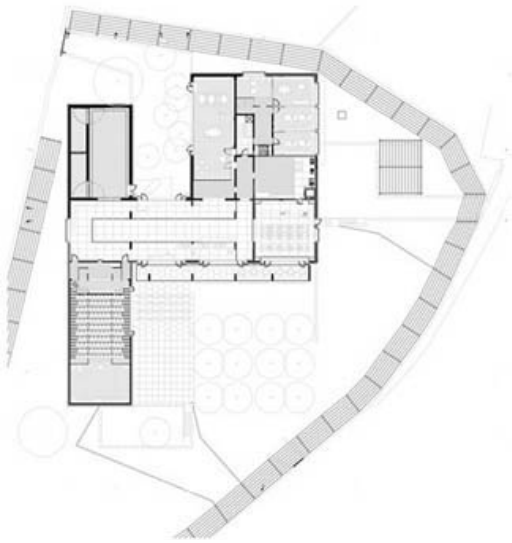
Todo este conjunto, que abrange uma área de 2315 m², está articulado em torno de três pátios ajardinados, de modo a conseguir uma boa distribuição de luz natural e a escala justa para as dimensões e carácter da envolvente.

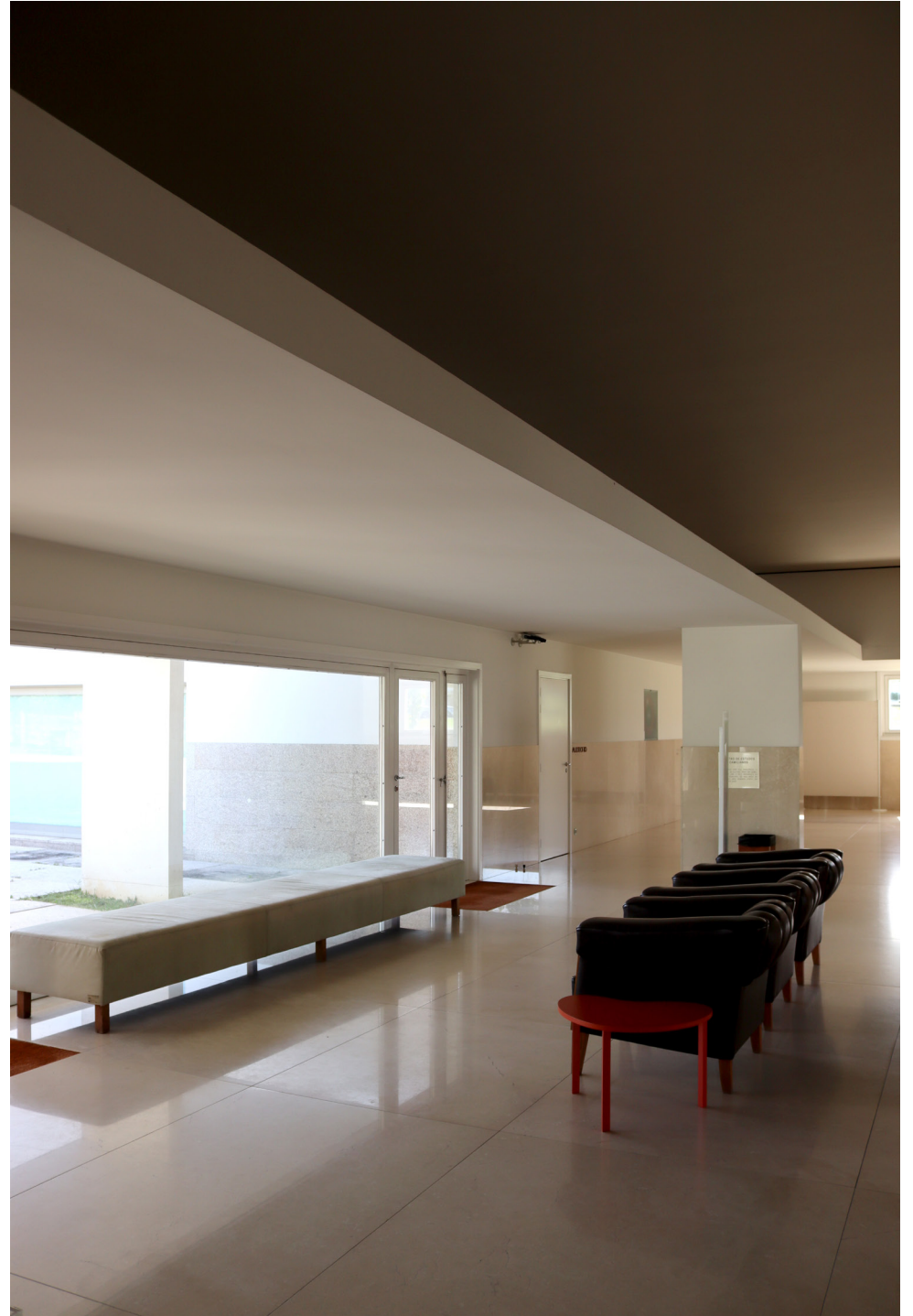
Todos estes volumes, nunca visíveis na globalidade, estão envolvidos pelo jardim e pelos muros e ramada recuperados.

O novo Centro de Estudos Camilianos está apto a responder ao funcionamento interno, à organização de eventos vários e à afluência de visitantes, cada vez em maior número, em resultado do crescente interesse pela obra e personalidade de Camilo Castelo Branco, para o qual muito tem contribuído o constante empenho da direcção da Casa de Camilo.









Refere-se esta Memória Descritiva ao projecto da Praça e Parque de Estacionamento do Largo Condessa de Mumadona, incluído no Plano de Pormenor da Zona Envolvente do Paço dos Duques de Bragança e Campo de São Mamede, ao Norte do Centro Histórico de Guimarães. A área de estacionamento em projecto insere-se nos objectivos de melhoramento e transformação da cidade conforme explicitado.

O plano geral prevê:

- Melhoria da zona monumental como zona de turismo e lazer;
- Crescimento da Universidade e sua relação com a morfologia e geografia de Guimarães;
- Integração do aumento do numero de pessoas através de equipamentos que permitam uma melhor utilização da zona;
- Cumprimento da proposta prevista no Plano de Pormenor de criação de áreas que privilegiem o uso público pedonal;
- Criação de áreas de estacionamento destinadas a veículos ligeiros, autocarros, equipamentos de lazer e outros.

1. Praça da Condessa de Mumadona

Nesta área, em frente ao Palácio da Justiça, a proposta consiste na sistematização de uma praça com dois pisos de estacionamento subterrâneo, visando o aumento do número de lugares de estacionamento disponíveis na zona histórica e a melhoria da praça. Neste sentido o projecto prevê a ligação da zona central do Largo ao passeio em frente ao Palácio da Justiça, o revestimento da praça em cubos de granito e a deslocação da escultura da condessa de Mumadona para o seu eixo longitudinal; prevê ainda a disposição de árvores no Largo e o mobiliário urbano a considerar. O parque de estacionamento com uma capacidade de total de 166 lugares, tem acesso pedonal por quatro caixas de escadas; o acesso de veículos faz-se por duas rampas laterais.

2. O parque de estacionamento, com capacidade de 166 veículos e em dois pisos, tem uma área 2806 m², no piso -2 e 2680m², no piso -1.

- O acesso de veículos é feito de duas rampas de sentido único, com 3,5m de largura e uma pente de 13%;
- O acesso de peões é feito a partir de quatro escadas, uma em cada extremo do parque, cumprindo as distâncias regulamentares de evacuação.
- A iluminação natural e ventilação do Parque de Estacionamento à cota do piso -1 (196.35), é garantida pela existência de três pátios, nos quais se prevê um tratamento vegetal apropriado.
- Está garantida a ventilação forçada do piso-2 (193.40), bem como um sistema de controlo de monóxido de carbono e de fumos do Parque de Estacionamento.

Foi tomado em consideração, na elaboração de todos os projectos, o cumprimento da legislação em vigor.





